

ÀS VEZES NEVA EM ABRIL

JOÃO SANTOS LOPES



Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote

JOÃO SANTOS LOPES

ÀS VEZES NEVA EM ABRIL

Peça em Dois Actos

GRANDE PRÉMIO DE TEATRO PORTUGUÊS
SPA/NOVO GRUPO

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES / PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA
1998

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação
Lopes, João Santos
Às vezes neva em Abril
(Autores de língua portuguesa)
ISBN 972-20-1485-4
CDU 821.134.3-2



Publicações Dom Quixote, Lda.
Av. Cintura do Porto de Lisboa
Urbanização da Matinha – Lote A – 2.º C
1900 Lisboa

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 1998, João Santos Lopes

Capa: Cartaz do espectáculo do Novo Grupo

Revisão tipográfica: Filipe Rodrigues

1.ª edição: Junho de 1998
Depósito legal n.º 124592/98
Fotocomposição: ABC Gráfica, Lda.
Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos

ISBN: 972-20-1485-4

CAI NEVE EM ABRIL

Visões do apocalipse na era pós-cristã

No princípio, há uma porta que se abre, como o Livro dos Sete Selos, sobre um espaço envolto em trevas e mistério. Não é a criação do mundo, mas o apocalipse que está por revelar: a Besta ainda não trilhou os descaminhos com blasfêmias e ilusões, os jovens ainda não foram armados Cavaleiros e o Cordeiro ainda está por imolar. O rumor do caos ecoa na sobreposição de sons e frequências de um rádio. Quando a luz surge das trevas, Gabriel ostenta vestes e modos de quem comanda e procura fazer justiça à raiz do seu nome de «homem forte de Deus». No entanto, o seu pacto foi feito com o Diabo, com uma tenebrosa organização, Dragão das Sete Cabeças, que age na sombra, corroendo, com discursos melífluos e o fulgor do vil metal, tanto os poderes instituídos, a Igreja, o parlamento, os meios de comunicação, como os domínios dos jovens, as famílias, as escolas e os lugares de lazer.

Gabriel foi escolhido para Anjo do Abismo. Coube-lhe a ele eleger Rafael, Pedro, Paulo e João, soltar-lhes os demónios e formar um séquito de apóstolos e anjos do mal, dispostos a perverter o sentido sagrado do sacrifício e a precipitar o mundo num abismo fatal. Subvertendo a palavra de Deus e dos anjos, Gabriel escl-

rece o mistério da rapariga trazida presa e amordaçada na mala do carro, ao anunciar aquela noite como o dia da «Grande Penitência»: Madalena, a presa sem voz e ainda sem nome, não é apenas a Mulher da Babilónia, mas o negro Cordeiro escolhido para sofrer o martírio e a morte. O seu sacrifício deverá expiar males e pecados na esfera de cada indivíduo, da família e da sociedade e dar início a uma nova era num mundo mais limpo e melhor: «Será o rastilho que ateará o fogo... O fogo da penitência. O fogo que purificará tudo».

Para arregimentar as suas hostes, Gabriel serve-se primeiro do discurso religioso em tom de blasfémia (quando se intitula a si e aos outros como «instrumentos do Senhor» ou «o caminho, a verdade e a vida») e, em seguida, do discurso político-militar (quando perspectiva as tensões entre brancos e negros em Portugal como a continuação da guerra de África, ou se atribui a si e aos outros o papel de soldados com uma missão a cumprir).

Religião e política, doutrina e ideologia, suscitam debate de ideias e enquadram o espírito e a mente, mas há que descer das esferas de Deus e da sociedade às esferas de cada indivíduo e perscrutar o fundo da sua alma com as armas mais poderosas e eficazes do discurso da psicologia. A fim de levar Rafael, Pedro, Paulo e João a largar defesas e a assumir o papel dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse, Gabriel tem de focar cada um por si, destrinçar a teia da família e dos afectos e pôr o buraco negro das mágoas escondidas da vida de cada um a descoberto. Em Rafael, são os restos do passado do pai na guerra de África que fazem a vida negra à família: o corpo estropiado e a alma dilacerada exprimem-se em apatia diurna e desespero nocturno, em silêncios e gritos que Rafael se propõe vingar. Em Paulo, o «pequeno, débil», caracterizado como fraco de vontade e cabeça, a mágoa escondida é o facto de a namorada o ter atraído com um rival de cor negra. Em Pedro, a dor concentra-se na figura da irmã, desfeita no corpo e na alma e fechada num mundo de silêncio e apatia, como o pai de Rafael. Contudo, neste caso, as sequelas do mal sofrido não se reportam ao passado da guerra de África, mas ao presente em Portugal, aos conflitos sociais e raciais nas cidades e periferias,

onde focos de violência traduzem e espalham um crescente mal-estar: no regresso da escola para casa, a irmã de Pedro foi atacada e violada por uns «monstros», configurados como «doze belos anjos pretos», «doze, tantos quantos os apóstolos do Senhor».

A fim de conquistar os jovens para o que descreve como «a nossa luta», Gabriel pisa as feridas de cada um, acirra-lhes a dor e a raiva e envolve-as com faixas de conhecidos discursos do ideário nazi e fascista: a traição pelas costas, tanto no tempo da guerra como da descolonização, a superioridade da raça, afirmada no orgulho da gesta civilizadora dos «animais» e no desprezo pela raça inferior que se apoderou dos haveres dos brancos em África e se prepara para fazer o mesmo em Portugal, invadindo o espaço vital da «nossa terra», um espaço que se tornou mais exíguo desde que Angola e outras «províncias ultramarinas» deixaram de ser «nossas».

Se as investidas de Gabriel surtem os efeitos desejados em Rafael, Paulo e Pedro, o mesmo não acontece com João, o único dos quatro que resiste à inclusão na quadriga. Embora a família também tinha vivido em África, soube integrar-se em Portugal sem alimentar fantasmas e ressentimentos. À verborreia da loucura do discurso de Gabriel, João contrapõe as poucas falas do discurso dos factos: «Viemos embora. É tudo». Também João faz justiça ao significado do seu nome, quando se apresenta compassivo com os negros que vivem «encaixotados naquelas torres» e os descreve como «uns pobres diabos que apenas se querem divertir um dia após o outro. Tal como nós». O discurso da razão, da igualdade e da tolerância revela-se inoperante naquela correlação de forças de tantos ânimos exacerbados. O silenciamento de João deixa os instintos dos outros à rédea solta e o caminho livre para a consumação da violação da jovem negra.

Uma vez aplacada a fúria, as primeiras reacções de Rafael, Paulo e Pedro são de espanto pela passividade da vítima, mas Gabriel apressa-se a desfazer essa impressão com um argumento: o silêncio em lugar dos gritos, a apatia em lugar das emoções não são estranhos quando vistos como mera questão táctica. A acalmia dos ânimos permite-lhe explanar a estratégia da tenebrosa organi-

zação a que pertence e preparar o grupo para as subseqüentes fases do plano. A execução da vítima é a condição necessária para a fase final, a da declaração de um conflito mais generalizado e sangrento, concentrado não apenas na periferia, mas alargado ao centro da cidade.

O controlo da situação, por parte de Gabriel, desmorona-se a partir do momento em que a vítima resolve tomar a palavra. O Cordeiro imolado transforma-se, inesperadamente, no quarto Cavaleiro do Apocalipse que faltava e subjugava o grupo com a profecia de uma terrível calamidade. A ameaça da doença espalha-se como a peste sobre os jovens que a violaram e, ao ser apresentada como acção premeditada de todo um grupo, alastra-se ao resto da sociedade. A visão apocalíptica dos corpos em chaga às portas da morte desencadeia o pânico e a confusão que conduzem à morte de Gabriel e proporcionam a Madalena apoderar-se da arma com que passa a controlar a situação. A arma permite-lhe instaurar a incerteza sobre a doença fatal, fazer ameaças de morte concretas e lançar o fel do seu desprezo sobre o grupo e toda a raça branca, em cuja natureza reconhece a tendência para a destruição.

Na raiva da sua dor e na sua fúria justiceira, também Madalena estabelece diferenças entre as raças, tal como os jovens do grupo, com excepção de João, o haviam feito anteriormente. Caberá mais uma vez a João proferir o discurso da tolerância e afirmar, agora perante Madalena, o princípio da igualdade das raças e de todo o ser humano: «Tu és igual a nós.» Na situação de abatimento geral, este discurso impõe-se com facilidade e desfaz o nó do conflito, criando uma plataforma provisória de um fugaz entendimento na visão tendencialmente pessimista da natureza humana: «Talvez esteja na nossa natureza matar o amor e alimentar o ódio».

A dúvida que se exprime neste talvez mantém-se até ao fim e fica no ar, quando a rádio, nivelando notícias e músicas de géneros diversos, anuncia a morte de uma jovem negra e violentos confrontos entre jovens negros e brancos no centro da cidade. A dúvida não é apenas se a jovem se chamaria Madalena, se entre os assassinos também estaria João ou se o plano deste ou de um outro qualquer Gabriel teria afinal resultado. Por trás da dúvida quanto

ao fim desta história ergue-se a dúvida maior quanto à verdadeira natureza do homem e ao fim da história da humanidade: se o ódio irá prevalecer sobre o amor, se a Besta irá vencer o Cordeiro, ou, por outras palavras, se o mal irá triunfar sobre o bem. Às vezes *Neva em Abril* coloca esta questão ética de forma perturbadora. Renunciando a dar uma resposta clara, prefere mostrar o fundo do abismo e propor um juízo lúcido sobre o destino do homem e os caminhos do seu mundo.

Vera San Payo de Lemos